

Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

NOVEMBRO 1982



Os Adventistas e o Litígio

Pág. 4

Relatório do 1.º Seminário Internacional sobre o Espírito de Profecia

Pág. 5

«Recebei-vos uns aos outros» (*Rom. 15:7*)

Pág. 10

Entristecer o Espírito Santo

Pág. 11

A Educação Afectiva

Pág. 13

LOUVAI AO SENHOR

LOUVAI AO SENHOR.

Louvai ao Senhor desde os céus,
louvai-O nas alturas.

Louvai-O, todos os Seus anjos;
louvai-O, todos os Seus exércitos.

Louvai-O, sol e lua;
louvai-O, todas as estrelas luzentes.

Louvai-O, céus dos céus,
e as águas que estão sobre os céus,

Louvem o nome do Senhor,
pois mandou, e logo foram criados.

E os confirmou para sempre, e
lhes deu uma lei que não ultrapassarão.

Louvai ao Senhor desde a terra:
vós, baleias, e todos os abismos.

Fogo e saraiva, neve e vapores,
e vento tempestuoso

que executa a Sua palavra:
Montes e todos os outeiros,
árvores frutíferas e todos os cedros:

As feras e todos os gados,
répteis e aves voadoras:

Reis da terra e todos os povos,
príncipes e todos os juizes da terra:

Mancebos e donzelas,
velhos e crianças,

Louvem o nome do Senhor,
pois só o seu nome é exaltado:
a Sua glória está sobre a terra e o céu.

Ele também exalta o poder do Seu povo,
o louvor de todos os Seus santos,
dos filhos de Israel,
um povo que Lhe é chegado.

LOUVAI AO SENHOR.

Salmo 148

SUMÁRIO

- Louvai ao Senhor
- Editorial
- Os Adventistas e o Litígio
- Relatório do 1.º Seminário Internacional sobre o Espírito de Profecia
- Somos nós culpados de desacreditar o Espírito de Profecia?
- «Recebei-vos uns aos outros» (Rom. 15:7)
- Entristecer o Espírito Santo
- O Conceito de Pacto no Antigo Testamento
- A Educação Afectiva
- Compreendendo a Inspiração
- Notícias do Campo

Revista Adventista

Publicação mensal

NOVEMBRO DE 1982
ANO XLIII N.º 434

Director: J. MORGADO

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÂNTICO

Redacção

e

Administração:

Rua Salvador Allende, lote 18, 1.º

Telefone 251 0844

2686 SACAVÉM CODEX

Execução gráfica:

SANTOS & COSTA, LDA. - artes gráficas
Vale Travelho - 2480 Porto de Mós

Preços:

Assinatura Anual 250\$00
Número Avulso 25\$00

ESTRANGEIRO: além do preço de assinatura, os portes são a cargo do assinante.

Prezados Irmãos,

«Cumpre-me ter sabedoria para ser fiel guarda do meu corpo. Eu faria uma coisa muito imprudente se entrasse num aposento frio quando estivesse transpirando; demonstrar-me-ia mordoma infiel se me permitisse sentar numa corrente de ar, expondo-me assim a apanhar um resfriado. Imprudente seria se me deixasse ficar sentada com pés e pernas frios, impelindo assim o sangue das extremidades para o cérebro ou os órgãos internos. Devo sempre proteger os pés, quando o tempo está húmido (*Mensagens Escolhidas* livro 2, pág. 296 e 297).

Ao ler esta parágrafo dos escritos de E. G. White em *Mensagens Escolhidas* — vol II, pág. 296, mais uma vez chegamos à conclusão que muito do mal-estar que sofremos é o resultado de erros cometidos ao longo dos anos, seja na nossa alimentação, nos nossos exercícios, no nosso trabalho, etc.

Há no planeta que habitamos uma infinidade de elementos que podem produzir uma alimentação sadia. Com certeza que nem todos são capazes de suportar os mesmos ou a sua distribuição não é igual para todos os lugares. O nosso erro, por vezes é querermos servir de exemplo, de regra para os outros quando cada um deveria, de acordo com os ensinamentos da Bíblia e do Espírito de Profecia organizar a sua alimentação e o estilo de vida que mais se aplicasse ao seu organismo, ao seu feitio, à sua resistência, etc.

A vida modificou-se de tal maneira que dum lado devemos procurar ar puro, sol, exercício mas por outro somos obrigados a trabalhar em recintos fechados, com pouco ar, onde a luz que possuímos é artificial durante todo o dia.

Por vezes os jornais apresentam o exemplo de pessoas centenárias, que normalmente vivem no campo, por vezes em altitudes usando alimentos simples, sendo obrigados a trabalhar duramente no campo durante a maior parte da vida.

Procuramos, pois, numa vida sã e simples honrar o Senhor que deseja pôr à nossa disposição o melhor de tudo o que há no mundo. No jardim do Éden os nossos primeiros pais puderam usufruir de tudo aquilo que era belo e bom.

Hoje, com a natureza alterada busquemos ainda aquilo que de bom nos oferece.

Vosso em Cristo

J. Morgado

Os Adventistas e o Litígio

Na sua primeira epístola aos Coríntios, o apóstolo Paulo fala não só para eles mas para nós «para quem são chegados os fins dos séculos» (1 Cor. 10:11). Erros sérios de doutrina e prática haviam-se introduzido em Corinto.

Entre as 7 ou 8 práticas deploráveis encontrava-se a prevalência de figurativa e literalmente se arastarem uns aos outros perante os tribunais seculares para a resolução de disputas, em vez de resolverem estas disputas num espírito de amor no seio da comunidade da fé. Prestai atenção ao apelo forte inequívoco de Paulo: «Quando algum de vós tem litígio contra outro, como é que se atreve a pedir justiça perante os injustos, em vez de recorrer aos (irmãos) santos?» «Terdes demandas uns contra os outros é derrota para vós». (1 Cor. 6:1, 7).

Há aqueles que admitem que isto foi uma boa instrução antes de ter havido reputáveis sistemas judiciais legais. Outros insistem que não podemos alcançar uma audição imparcial na igreja hoje. Há também as pessoas que argumentam: «Eu sei que tenho razão, e, por consêquente, devo ir para tribunal porque isto ajudará a evitar que outros sofram ou sejam maltratados».

Infelizmente, apesar dos melhores esforços dos tribunais, e apesar das decisões imparciais, os julgamentos por intermédio do sistema judicial raramente produzem reconciliação e restauração de relações normais entre queixosos e réus. Alguns falam de processos «amigáveis». Mas mesmo estes deixam usualmente um vazio e cicatrizes. De acordo com a Palavra de Deus, o litígio não é de modo nenhum a solução cristã para resolver disputas e incompreensões.

Que ninguém ao ler esta página obtenha a ideia errada de que, como igreja, nos opomos a um sistema judicial ou tribunal, permitam-me que rápida e enfaticamente declare que respeitamos os tribunais e a sua jurisdição, como a Bíblia nos adverte a fazer. Com toda a franqueza devemos concordar que algumas disputas só podem ser solucionadas e impostas pela acção judicial dum tribunal. Sentimo-nos gratos pelos muitos advogados Adventistas do Sétimo Dia que assistem a igreja nestes tempos

complexos. Além de oferecerem eficaz conselho espiritual e legal à sua igreja, exercem um positivo testemunho cristão e influência em círculos profissionais. Enquanto parece claro, do conselho que temos, que os tribunais e os advogados são necessários no nosso mundo, não foram jamais ordenados para solucionar problemas que se levantam na igreja.

A real questão que cada um de nós deve inevitavelmente enfrentar é: qual é a atitude correcta que devo tomar quando fui, ou penso que fui, molestado? Tomo a sério os princípios delineados nas Escrituras e no conselho que Ellen White dá quanto a solucionar problemas, ou cedo aos processos do mundo? Estou preocupado acerca do meu testemunho e da minha capacidade em reflectir para outros um estilo de vida compatível com a minha profissão de ser um discípulo de Cristo?

A igreja desenvolveu e recomendou o método Conciliação Painei. Sentimo-nos felizes de poder relatar que um certo número de indivíduos tem experimentado este método com resultados satisfatórios. Este método destina-se a ajudar a solucionar agravos entre indivíduos ou com uma entidade oficial da igreja. *O Manual da Igreja*, revisto na sessão da Conferência Geral em 1980, contém uma declaração de como o litígio dentro da igreja pode, afinal, afectar a afiliação dum pessoa com a igreja. (Ver *Manual da Igreja*, págs. 192-194). Se desejar saber mais pormenores acerca de como funciona o método Conciliação Painei, contacte, por favor, a sede da União.

O conselho seguinte é ainda apropriado em 1982: «Contendas, discórdias e processos judiciais entre irmãos são uma desgraça para a causa da verdade. Os que enveredam por esse procedimento expõem a igreja ao ridículo dos seus inimigos, e fazem que triunfe a causa dos poderes das trevas. Dilaceram de novo as feridas de Cristo, expondo-O à ignomínia.» — *Test. Selectos*, vol. 2, pág. 84.

Estou completamente persuadido de que a instrução de Deus aos Coríntios, e a nós, é oportuna e sã. Se houver qualquer outra alternativa o tribunal não é o lugar apropriado para o cristão resolver as suas contendas.

O litígio quase sempre resulta num enfraquecimento da nossa relação com o Senhor e uns com os outros. A nossa determinação em «ganhar» produz um espírito de ira, azedume, ressentimento, retaliação, ameaças e alienação.

Estas reacções não são compatíveis com a graça de Cristo. Podeis ganhar uma demanda em tribunal e perder a vossa alma.

Estamos nós dispostos a aceitar e endossar o conselho de Deus de que «Terdes demandas uns contra os outros é derrota para vós?»



NEAL C. WILSON

Presidente da
Conferência Geral

Relatório do 1.º Seminário Internacional sobre o Espírito de Profecia

Foi talvez o maior dano potencial causado ao reino das trevas, de todos os acontecimentos que tiveram lugar no planeta terra, durante a semana de 11 a 17 de Abril de 1982. Contudo é um tributo à unidade produzida pelo poder do Espírito Santo pelo facto de Satanás não ter conseguido descarrilá-lo com uma das suas duas armas favoritas: divisão ou discordância.

O primeiro Seminário Internacional sobre o Espírito de Profecia na história da Igreja Adventista do Sétimo Dia reuniu-se em Takoma Park, Washington, D.C., para sessões ininterruptas desde o Domingo, 11 de Abril, até Quinta-feira à noite, dia 15.

Na sessão de abertura, o Presidente da Conferência Geral, Neal C. Wilson, como nota tónica da sua palestra, desafiou os delegados — 64 homens e 6 mulheres — representando um largo espectro de responsabilidades profissionais dentro da igreja e diversas culturas étnicas de seis continentes, com as implicações imperativas do facto de que a igreja está hoje num estado de guerra com os poderes das trevas.

Interessante e paradoxalmente, contudo, não houve evidência dum «cerco» mental na parte dos delegados ali reunidos a despeito das terríveis predições da parte de alguns observadores cínicos que insinuaram sombriamente quanto a uma sinistra implicação pelo facto das reuniões não serem abertas ao público em geral.

Presentes nas sessões estiveram:

- 15 depositários e 11 membros directivos do Património White.
- O chefe e secretário do Comité do Espírito de Profecia da Conferência Geral.
- Os directores dos seis centros de pesquisa do Património White na Argentina, Austrália, Grã Bretanha, México, Filipinas e Universidade de Loma Linda (a sucursal da Universidade de Andrews não é tecnicamente considerada um centro de pesquisa, embora cumpra essa função, entre outras).
- 9 coordenadores do Espírito de Profecia das Divisões mundiais.
- 2 delegados especiais da Divisão Sul Asiática.
- 4 redactores.

- Os membros directivos dos Arquivos da Conferência Geral e do Instituto Bíblico de Pesquisa.
- 14 professores de religião de Colégios/Universidades da América do Norte, e
- Vários outros convidados, incluindo o director de um colégio, pastor duma igreja de colégio, um capelão de um centro médico, e Francisco White, neto de Ellen White (cujo irmão, Artur, associado com o Património White durante cerca de 50 anos, esteve também presente).

O lugar das reuniões foi o Anfiteatro S-2 no Edifício Sul, a maior sala de reuniões no complexo dos escritórios da Conferência Geral. Apesar disso, foi preciso trazer mais cadeiras para a superlotada assembleia a fim de acomodar todos os delegados, atendendo assim eficazmente aos pedidos de participação no Seminário de outros dirigentes denominacionais locais e leigos interessados que haviam ouvido antecipadamente acerca das reuniões.

A agenda plenária incluía 72 assuntos para discussão nas áreas inspiração/revelação, Ellen White como escritora, livros do Espírito de Profecia e uma variada lista de tópicos gerais.

Foi levada a efeito uma reunião na Terça-feira à noite pelos directores dos centros de pesquisa, coordenadores das Divisões, redactores e professores de história religiosa para tratarem, em agenda separada, de assuntos afins.

As sessões diárias foram caracterizadas por diversos factores incomuns. Os delegados exerceram um elevado grau de responsabilidade pessoal, revelado em parte por fiel comparência em todas as reuniões e durante todo o tempo, apesar do facto de ter havido apenas um único quarto de hora de recreio para ambas as sessões da manhã (8,00h-12,15h) e da Tarde (13,30h-17,00h). Reuniões nocturnas continuaram o sobrecarregado programa, realizando-se sem interrupção das 19,30h às 21,00h.

Os tópicos da agenda trataram acima de tudo de assuntos sérios e significativos que a igreja está a enfrentar hoje em dia quando a integridade de Ellen White e a natureza e autoridade da sua obra estão a ser cada vez mais questionadas.

O facto das sessões terem sido realizadas na mesma semana em que um livro de críticas a Ellen White (escrito e publicado por um ex-pastor adventista) saiu a público, foi mera coincidência, uma vez que o seminário estava a ser planeado desde há mais de um ano. Mas a presença de exemplares

ROGER W. COON

Secretário-Associado do Património White

desta publicação na sala de reuniões serviu para lembrar os delegados de que a igreja tem a tarefa de prover respostas razoáveis, satisfatórias e respeitadas aos desafios contemporâneos actualmente trazidos a lume.

Ao signatário, as sessões pareceram-lhe caracterizarem-se por 4 «R's» (erres):

1. Realismo: Houve um franco reconhecimento de que muitos adventistas têm mantido — e alguns ainda mantêm — a teoria de inspiração estritamente verbal, mecânica e ditada que não pode ser apoiada quer pelas evidências Bíblicas ou pelos pontos de vista publicados por Ellen White, antes pelo contrário (geralmente conhecida por inspiração — «ideia»; ver especialmente **Mensagens Escolhidas**, Livro 1, págs. 15-23).

Em certos casos este ponto de vista sobre a inspiração tem sido de tal maneira distorcido, infelizmente, que a senhora White conclui ter ele sido colocado sobre um pedestal acima mesmo dos próprios profetas Bíblicos.

E os delegados preocuparam-se bastante em elaborar uma possível metodologia para esclarecer tais pontos de vista sem, simultaneamente, destruir a fé de tais crentes sinceros, mas desviados da posição correcta.

Em certo grau os pastores e professores adventistas propagaram involuntariamente no passado pontos de vista incorrectos — certamente sem qualquer intenção de enganar, e uma das principais e mais importante tarefa da igreja hoje é clarificar e alargar a nossa compreensão colectiva de como opera, na verdade, o dom profético sob a soberana superintendência do Espírito Santo.

2. Razão. Numa ausência total de qualquer inclinação para varrer os problemas perplexos para debaixo do tapete, os delegados procuraram em discussão, que foi tanto animada como vigorosa, contudo sempre cortês e cristã, encontrar explicações razoáveis para fenómenos aparentes que muitas vezes desafiavam as explicações racionais e por vezes são até paradoxais. Embora tenha havido sempre total unanimidade quanto à integridade de Ellen White e a autoridade dos seus escritos, de acordo com as Escrituras (ver a declaração de consenso na parte final), contudo diferenças de opinião emergiram quando os delegados se esforçaram por encontrar explicações adequadas para os mecanismos de inspiração/revelação.

Os delegados procuraram contínua e responsavelmente respostas que não sejam uma afronta à inteligência dum cristão, reconhecendo de qualquer maneira que muito nesta área é tão ilusório como um arco-íris e ainda envolto em mistério. Algumas questões, sem dúvida, terão de, afinal, aguardar até que as possamos perguntar ao próprio Senhor Jesus Cristo na vida por vir.

3. Refutação. Muitas acusações feitas contra Ellen White foram ponderadas à luz dos factos históricos, e a vasta maioria foram reconhecidas como

falhas em substância. Algumas dúzias de trabalhos de pesquisa, numa larga variedade de tópicos, foram lidos e distribuídos para serem acrescentados aos blocos de notas dos delegados cada vez mais pesados e volumosos (incluindo um inventário recentemente revisto de materiais publicados e áudio-visuais agora à disposição no Património White.

Talvez o mais significativo destes documentos tenha sido uma declaração de 58 páginas sobre a assim chamada questão da «Porta Fechada». Preparada pelo Dr. Roberto W. Olson, secretário do Património White, que examina cuidadosamente e documenta completamente em ordem cronológica todo o material de arquivo existente na casa forte do Património White relativo a este assunto no período de 1844 a 1851. Os delegados consideraram esta apresentação um feito notável, uma vez que procurou resolver um problema em compreender a posição da senhora White sobre uma questão que — graças aos críticos — continua a emergir na igreja quase um século e meio depois do «Grande Desapontamento» de 1844.

Trabalhos escolásticos foram também apresentados pelo Dr. Jean Zurcher, secretário executivo da Divisão Euro-Africana e Depositário do Património White, e Milan Hlouch, jovem pastor na Morávia que ensina História da Igreja no Seminário Bíblico Checoslovaco (o seu trabalho foi apresentado e lido pelo Dr. Pietro Copiz, coordenador do Espírito de Profecia na mesma Divisão). Zurcher e Hlouch abordaram o tratamento de Ellen White dos Valdenses, Albigenes e o Reformador João Huss. Muito do anterior criticismo severo sobre o uso da senhora White destes materiais foi agora inquestionavelmente demonstrado como infundado; e esta pesquisa demonstrou a necessidade de cuidadoso estudo posterior sobre a maneira como a senhora White utilizou as fontes históricas.

As pesquisas históricas deveriam ser um contínuo processo, sentiram os delegados, e deveriam ser encorajadas pelos dirigentes da igreja. Sentimos que não temos nada a recear numa examinação honesta de factos históricos do passado, afirmaram eles.

4. Restabelecida confiança. Com a apresentação destes, e muitos outros trabalhos, os delegados foram geralmente animados por um sentimento crescente de restabelecida confiança de que nós hoje, na igreja, não temos seguido «fábulas artificialmente compostas» ao colocarmos a confiança em alguém que tem sido considerado como o profeta mais recente de Deus para o Seu povo.

Muito do criticismo contra a senhora White e direcção denominacional foi, sobre cuidadoso exame, considerado falta de informação, negativo, mal-doso e geralmente não ajudador em resolver reconhecidos problemas. Muito criticismo, na verdade, quando examinado à luz de *todas* as circunstâncias relevantes e no seu *total* contexto histórico, aparece geralmente bem diferente do aspecto inicialmente repugnante sob o foco duma luz superficial.

Um delegado de além-mar expressou a sua opinião pessoal de que este seminário foi uma das reuniões mais importantes e valiosas alguma vez levadas a efeito por esta denominação. (Na verdade, um ministro presente sentiu que a sua participação era tão imperativa que pagou todas as suas despesas por sua conta, e outro pagou grande parte das suas despesas porque o seu orçamento da denominação não dava para tal!)

Um dirigente da igreja que assistiu a todas as reuniões expressou a sua profunda apreciação por o tempo do comité ter sido devotado quase exclusivamente à consideração de assuntos e questões importantes em vez de o ter sido a assuntos periféricos. Um professor de religião dum colégio reflectiu favoravelmente sobre o facto de todos os trabalhos e discussões terem tido lugar numa atmosfera de fé em vez de cepticismo e cinismo.

«Lutámos com alguns problemas difíceis que vão requerer muito estudo continuado», disse ainda outro, reconhecendo que em assuntos de profecia ainda conhecemos apenas «em parte», pois ainda vemos apenas «por espelho em enigma».

Numa das muito poucas acções formais tomadas durante a convocação de 5 dias, os delegados votaram recomendar à Conferência Geral que o seu subsídio às Divisões além-mar para traduções dos escritos da senhora White para as línguas nacionais desses países fosse aumentado de 80.000 para 200.000 dólares anualmente. Tal acção é, em si mesma, evidência tangível do facto de que os delegados sentiram claramente que esses escritos têm

um importante lugar na vida de todas as partes componentes do corpo desta igreja mundial.

Não houve qualquer «lavagem White», nem a tentativa de passar por alto os problemas difíceis na igreja actualmente. Os delegados não norte-americanos (dos quais havia cerca de vinte) algumas vezes expressaram pesar pelo facto de escolásticos e dirigentes dos seus respectivos países parecerem não ser incluídos em certos comités e simpósios tão frequentemente — ou em número suficiente — de acordo com o que as estatísticas mundiais de membros revelarem apropriado.

Outros expressaram, por vezes em voz alta, se o Património White estava apenas a servir a igreja na América do Norte (não é verdade — o seu secretário e os seus quatro secretários associados dependem, cada um, cerca de dois meses cada ano para visitarem os territórios das divisões fora da América do Norte.)

J. Robert Spangler, secretário da Associação Ministerial e de Mordomia da Conferência Geral, editor do **Ministry**, e um dos Depositários do Património White, talvez melhor tenha resumido os sentimentos de muitos dos delegados na mensagem devocional com a qual iniciou o último dia deste primeiro Seminário Internacional sobre o Espírito de Profecia:

«A crença é uma disposição da mente. A descrença é uma disposição da mente. Cada uma delas é produzida por escolha. ...

«Eu creio que Ellen White foi uma mensageira inspirada que falou como instrumento de Deus. ...



**Seminário
Internacional
sobre o Espírito
de Profecia**

*Uma vista parcial
dos participantes
durante uma das
sessões.*

*K. H. Wood,
Presidente do
Conselho directivo
do Património
White, primeiro à
esquerda.*

«Tenho tido uma experiência com os trabalhos de Ellen White. Sei o que significa ler os *Testemunhos para a Igreja*, e sentir a convicção do Espírito Santo de que *este* testemunho foi escrito para *min*, levando-me a ajoelhar-me submisso pela reprovação e aprovação do Espírito Santo.

«Sei o que significa ver Jesus tão vibrante, tão real, tão vivo no *Desejado de Todas as Nações*, de tal modo que lágrimas de alegria e de graças correm pelas minhas faces.

«Sei o que significa ler os capítulos finais do *Grande Conflito*, cair sobre os meus joelhos, e como o Tomé do passado abraçar os pés de Jesus e clamar, 'Meu Senhor e meu Deus'. ...

«Devido ao testemunho incisivo de Deus através dos seus livros, sou um melhor marido, um melhor pai, um melhor pastor. Através do dom de profecia tenho recebido conhecimentos profundos e princípios que me têm tornado um evangelista e pastor mais bem sucedido do que o teria sido doutro modo. ...

«Sou um pregador da Bíblia. Ela é a minha autoridade. Mas ao apresentar a Palavra, tenho sido devedor a Ellen White pela linguagem muito mais rica do que aquela que eu doutro modo usaria (e, confesso, nem sempre lhe tenho dado o crédito — ou a outros — como as minhas fontes!). Tenho encontrado que os seus escritos são estimuladores, levando-me a concepções mais ricas e profundas acerca do conflito entre Deus e Satanás e o lugar da cruz em reconciliar não apenas o homem mas toda a criação de Deus sob a Sua direcção. ...

«A crença é uma disposição da mente. A descrença é uma disposição da mente. E cada uma de-

las é produzida por escolha».

Declaração de afirmação de confiança no Espírito de Profecia

A declaração seguinte foi adoptada unanimemente pelos 70 delegados que participaram no primeiro Seminário Internacional sobre o Espírito de Profecia em Washington, D. C., na sessão de encerramento, Quinta-feira à noite, 15 de Abril de 1982:

«Afirmamos a nossa gratidão pela maneira pela qual Deus tem apresentado ao mundo, por meio duma variedade de instrumentalidades humanas, a Sua todo-suficiente e autorizada revelação, as Sagradas Escrituras, e tem protegido a transmissão desta revelação para garantir a sua veracidade.

«Também reafirmamos a contínua operação do Seu Espírito através do dom profético manifestado no ministério de Ellen White.

«O seminário ajudou-nos a compreender melhor como Deus apresentou a Sua verdade aos profetas, e ampliou os nossos conhecimentos quanto à maneira em que os profetas comunicaram esta verdade em linguagem que eles consideraram mais eficaz. Reconhecemos neste processo divino-humano que a humanidade de todos os profetas não diminui a sua autoridade a eles conferida por Deus.

«Reafirmamos além disso a nossa confiança na integridade de Ellen G. White, na autoridade do seu ministério tal como tem sido experimentado pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, e na sua contínua validade».



J. Zurcher, membro directivo do Património White estuda um documento. Ao fundo à esquerda, Pietro Copiz coordenador das publicações White para a Divisão Euro-Africana.

Somos nós culpados de desacreditar o Espírito de Profecia?

Embora amemos o Espírito de Profecia podemos estar a ajudar a minar a confiança nele.

Infelizmente, alguns que amam os escritos do Espírito de Profecia estão minando-os inconscientemente e contribuindo para a erosão da confiança na mensageira de Deus.

Uma advertência solene expõe o plano do diabo: «O último engano de Satanás será tornar de nenhum efeito o testemunho do Espírito de Deus.» — *Mensagens Escolhidas*, livro 1, pág. 48. «As operações de Satanás visarão agitar a fé das igrejas nelas.» — *Idem*.

É do conhecimento comum que Satanás tem inspirado alguns que são inimigos do Senhor a atacar o Espírito de Profecia. Mas talvez os seus êxitos mais devastadores venham de dentro da Igreja, daqueles que são amigos do dom. É possível que alguns de nós possamos estar a desacreditar o Espírito de Profecia num ou mais dos seguintes modos?

1. Podemos desacreditar o Espírito de Profecia ao exaltá-lo acima da Bíblia. Ellen White advertiu contra isto. Contudo, inconscientemente, em muitas congregações, o Espírito de Profecia é salientado de tal maneira que as visitas muitas vezes sentem que rebaixamos a Palavra de Deus e o exaltamos acima dela. Algumas visitas jamais voltam depois duma tal apresentação.

2. Podemos desacreditar o Espírito de Profecia ao usá-lo incorrectamente quando lidamos com outros. Podemos usá-lo como uma chibata para «pôr as pessoas na linha» ao ponto delas passarem a odiar a mensageira do Senhor. Podemos cansar as pessoas com ele ao ponto delas exclamarem: «Nunca mais me fale do Espírito de Profecia!» Podemos enfatizar as pessoas até mesmo com as melhores citações do Espírito de Profecia até que elas se tornem enjoadas só ao pensarem nele. Podemos apresentá-lo prematuramente e levar os ouvintes a descarrilarem antes de terem tido uma oportunidade de formar um equilibrado ponto de vista sobre ele.

3. Podemos desacreditar o Espírito de Profecia ao recusarmos utilizá-lo com receio de nos apelidarem de singulares e fanáticos. Nunca devemos abandonar o uso deste dom maravilhoso devido às falsas acusações daqueles que gostariam de nos levar a abandoná-lo porque ele reprova faltas pessoais. Eis porque é plano especial de Satanás desacreditá-lo. Os escritos do Espírito de Profe-

cia devem ser usados de maneira amável, judiciosa e cativante — mas devem ser utilizados.

4. Podemos desacreditar o Espírito de Profecia atribuindo-lhe significado para além daquilo que ele claramente diz. Sem pretender ser específico, isto parece ser uma das mais bem sucedidas investidas de Satanás hoje. Algumas pessoas parecem ter uma habilidade especial em explicar o que Ellen White quis dizer. Por exemplo, dizem que ela disse «Vai para o Ocidente», quando ela, obviamente, disse: «Vai para o Leste».

5. Podemos desacreditar o Espírito de Profecia ignorando totalmente o seu conselho claro. O Espírito de Profecia é claro, por exemplo, sobre a questão de comer entre as refeições. Este conselho é largamente ignorado na Igreja de Deus hoje em dia. Até mesmo aqueles que, com oração, calma e graciosamente, buscam ordenar as suas vidas de acordo com as sugestões de Deus sobre a saúde (sem se tornarem fanáticos) são muitas vezes considerados desequilibrados neste respeito pelos seus irmãos adventistas.

6. Podemos desacreditar o Espírito de Profecia ao afirmar que ele ensina coisas que não ensina de maneira nenhuma. Afirmar que Ellen White advoga um estilo de vida e acções que são extremas e fanáticas tende a desacreditá-la nas mentes de pessoas pensantes e sensatas ao fazê-la parecer ridícula e indigna de séria atenção. Poucas coisas que têm sido escritas estão melhor equilibradas do que os escritos de Ellen White.

7. Podemos desacreditar o Espírito de Profecia ao citá-lo fora do contexto ou omitindo a outra face da moeda. Muitas pessoas «provam» o tormento eterno, ao citarem Lucas 16 da Bíblia. Infelizmente muitos adventistas tratam o Espírito de Profecia com a mesma falta de entendimento.

8. Podemos desacreditar o Espírito de Profecia ao falharmos em lê-lo e estudá-lo. Embora inestimável em valor, o Espírito de Profecia é totalmente destituído de valor para nós a menos que saibamos o que ele ensina. Recusar tomar tempo para o estudar dá a impressão que é um assunto de somenos importância — quase irrelevante.

Deus deu à Igreja este abençoado dom:

- ★ Para exaltar a Bíblia e torná-la clara para nós,
- ★ Para tornar Jesus mais precioso para nós, e
- ★ Como uma luz especial para os nossos pés nestes últimos dias.

Possamos nós, que amamos este dom, usá-lo apropriadamente, de modo a aumentar o seu valor e eficácia.

«Recebei-vos uns aos outros»

(Rom. 15:7)

Nunca esquecerei a introdução dum sermão num Sábado de manhã que tive o privilégio de ouvir há vários anos atrás. O redactor da nossa Revista Adventista da Alemanha chocou a vasta assembleia durante uma conferência ao declarar: «Agradeço a Deus pelas muitas pessoas desagradáveis que aqui estão reunidas esta manhã». Podeis imaginar quão chocada ficou a audiência com uma tal confissão. Ele, contudo, continuou por explicar porque tinha feito uma tal declaração.

«Se dependesse de mim, certamente que não teria escolhido muitas das pessoas que aqui estão reunidas para serem meus amigos, meus colegas de trabalho e meus vizinhos. Mas Aquele que é o Senhor da Sua igreja, escolheu-as não apenas para serem meus amigos e vizinhos mas também para os amar como meus irmãos e irmãs. E Ele tinha algo em mente ao proceder desse modo: O Seu propósito foi fortalecer a minha paciência, edificar a minha tolerância e aprofundar o meu amor».

«Se amardes os que vos amam, que galardão haveis? Não fazem os publicanos também assim? (Mat. 5:46).

Muitos dos problemas na igreja cristã têm a sua origem no plano do Senhor de como edificar a Sua igreja. Numa parábola Jesus disse que «o reino dos céus é semelhante a uma rede lançada ao mar, e que apanha toda a qualidade de peixes» (Mat. 13:47). Certamente que é também a nossa experiência termos muitas qualidades de personalidades nas nossas igrejas — amáveis, interessantes e atractivas. Mas há também aqueles indivíduos entre os santos que são excêntricos, estranhos, horríveis e desapontadores. Se o meu Senhor, contudo, os amou tão fervorosamente que esteve disposto a sacrificar a Sua vida por eles, não me é requerido amá-los com um amor igual e inabalável? Não é esta a minha obrigação, aceitar uma pessoa ainda que ela difira de mim em carácter e atitudes? Ser misericordioso para com os seus defeitos e fraquezas e tolerar pacientemente as suas diferenças de hábitos e comportamento.

A exortação da pena de Paulo não é difícil de compreender, não necessita de um longo estudo por alguém formado em Teologia. Contudo, é difícil de pôr em prática. O que cada um de nós precisa é de uma porção diária do amor divino derramado nos nossos corações de modo a podermos ser suficientemente fortes para suportar algumas das pessoas que o Senhor tem colocado exactamente ao nosso lado.

Há, contudo, um outro problema relacionado com este conselho apostólico: Tolerar o comportamento diferente duma pessoa, significa isto tolerar

também as suas erradas concepções religiosas e doutrinas? Deve a tolerância apoiar quaisquer ideias, mesmo erradas e não bíblicas?

No Boletim de informação do Concílio Mundial das Igrejas Luteranas n.º 31, de 1981, o Pastor Michael Benkert, director do departamento das relações públicas da Igreja Protestante de Bremen, escreveu uma notável declaração sob o título: «A mentira de ser bem equilibrado».

Declarou ele: «Uma instituição, uma igreja por exemplo, perde toda a sua veracidade, se sempre recorre a um ponto de vista de «tão bem como». ... Hoje a igreja Protestante é simultaneamente pró e contra as centrais atómicas, pró e contra o aborto, pró e contra o rearmamento, cuja posição a ninguém satisfaz. Porque a verdade não pode defender e desafiar algo simultaneamente...»

A sua citação refere-se certamente em primeiro lugar à sua igreja Protestante. Mas pode ela ser também aplicada de igual modo à Igreja Adventista do Sétimo Dia? As questões podem ser diferentes, mas as atitudes similares. Não podemos ao mesmo tempo defender e negar, por exemplo a inspiração da serva do Senhor, não podemos por um lado apoiar e por outro condenar a existência dum santuário celestial, não podemos por um lado salientar e por outro negar a urgência dos acontecimentos dos últimos dias, etc. A tolerância no sentido Bíblico não significa aceitar toda e qualquer posição fora das doutrinas bíblicas claramente reveladas.

Face ao nosso texto devemos esforçar-nos por alcançar uma atitude de compreensão para com as pessoas que mantêm uma posição diferente da nossa. É tão fácil condenar alguém pelos seus ensinamentos, se eles não me agradam. A história da igreja cristã está pejada de terríveis exemplos de crueldade e sangrentas perseguições, devido a divergências teológicas. A ideia de defender a verdade acendeu as chamas de milhares de fogueiras, onde os hereges foram queimados na estaca.

Para evitar uma tal luta humana, mas não segundo o Espírito de Cristo, a favor da verdade, o apóstolo Paulo definiu com exactidão: «Recebei-vos uns aos outros, como também Cristo nos recebeu». Cristo deve ser também o nosso exemplo a respeito do tratamento que devemos dispensar aos não conformistas e hereges. Ele nunca desprezou pessoa alguma. Ele até considerou os escribas, fariseus e publicanos como objectos do Seu amor salvador. Mas Ele nunca tolerou a prática do mal ou os falsos ensinamentos. Ele amava o pecador, mas odiava o pecado.

Somos nós suficientemente fortes para traçar uma linha entre uma pessoa e a sua proclamação? Amemos os nossos colegas de trabalho ou coobrei-

ros, os nossos irmãos e irmãs, ainda que mantenham uma posição diferente da nossa no momento. Isto não significa que silenciosamente reconhecamos doutrinas falsas. E isto também não significa certamente acender os autos-de-fé da Inquisição. O poder do Seu amor salvador pode capacitar-nos a

aceitar-nos uns aos outros individualmente como objectos de salvação. Mas ao mesmo tempo mantermos a posição que nos foi revelada como sendo a expressão correcta da sabedoria divina, a fim de não sermos culpados da «Mentira de sermos bem equilibrados».

SÉRGIO TEIXEIRA

Entristecer o Espírito Santo

Em Efés. 4:30 Paulo diz: «E não entristeçais o Espírito Santo de Deus». Esta passagem e muitas outras tornam claro que o Espírito Santo é uma pessoa. Ele se entristece quando o homem não segue a Sua orientação; quando o crente se preocupa mais com a ascensão material do que com o crescimento espiritual; quando a leitura e meditação da Bíblia é substituída por negligência; quando há descuido na oração; quando há falta de amor; quando o próximo é esquecido ou tratado de maneira orgulhosa ou farisaica. Uma vez que tudo o que engrandece a Cristo, engrandece o Espírito apenas uma vida Cristocêntrica não entristecerá o Espírito Santo.

Ellen White no livro *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, na pág. 253 diz: «Mais que qualquer outra coisa, estão os divertimentos contribuindo para anular a operação do Espírito Santo, e o Senhor é ofendido». Assim não há nada que faça mais entristecer o Espírito Santo que os divertimentos impróprios.

No meio Adventista tem sido feita diferença entre o que é recrear e divertir, embora no seu significado as palavras sejam a mesma coisa «desviar a atenção de». É ainda Ellen White que no livro *Educação*, pág. 207 estabelece a diferença entre recreação e divertimento: «A recreação na verdadeira acepção do termo — recrear — tende a fortalecer e construir. ... O divertimento, por outro lado, é procurado com o fim de proporcionar prazer, e é muitas vezes levado ao excesso». Esta diferença deve estar bem presente em todos os fiéis seguidores de Cristo, adultos ou jovens. A estes em particular, pois o mundo preparou muitas coisas para atrair a juventude e desviá-los de Deus.

Todo o nosso corpo se destina à acção; Deus não exige dos seus seguidores, uma leitura cansativa da Bíblia e uma meditação e oração exageradas. Estes deveres do homem não podem de modo nenhum ser postos de parte sob pena de tornar inefi-

cazes todos os outros actos da vida. Mas há religião também no exercício físico ou no trabalho manual. Para aquele que tem actividade mental constante requer-se que a contrabalance com actividades físicas a fim de não haver desequilíbrio entre o corpo e a mente. Assim o exercício físico ou o trabalho manual, estão exercendo a sua função de «fortalecer e construir». Muitas vezes porém eles têm-se tornado em divertimentos impróprios e estão entristecendo o Espírito Santo. É necessário desviar a atenção da ocupação profissional, o que pode ser feito através do desporto, exercício físico, trabalho manual, ou qualquer outra actividade; deve-se ter em conta, porém, não desviar a atenção de Deus.

O desporto tem sido a alternativa escolhida por jovens estudantes e não só, da nossa época. É um tipo de ocupação moderna, que pode ser salutar, quando encarada como recreação, e que também pode ser perigosa, quando encarada como divertimento. Se o salutar desejo de ganhar é colocado acima das virtudes cristãs, da pureza de linguagem, ou da integridade física dos companheiros e do próprio praticante, o desporto está a ser um divertimento impróprio e o Senhor está sendo ofendido. Se a derrota não influi no comportamento e se o desporto não foi praticado em excesso, estará fortalecendo e construindo.

Após referir-se ao futebol e ao box como escolas de brutalidade, Ellen White diz: «Outros jogos atléticos, embora não tão embrutecedores, são pouco menos reprováveis, por causa do excesso com que são praticados». — *Educação*, págs. 210 e 211. Tem sido dito que a serva do Senhor refere-se aqui ao futebol americano que exige dos seus praticantes uma certa compleição física e a comparação que é feita ao box fortalece essa interpretação, mas é certo também que o outro futebol também pode ocasionar «amor ao domínio, orgulho da mera força bruta, o descaso da vida».

Outros divertimentos estão à disposição dos jovens e na mente de muitos há confusão. São os jovens cristãos que, tentados pelo cinema, pelo teatro ou pela dança, têm-se desviado do caminho do Se-

SÉRGIO TEIXEIRA

Pastor da Igreja da Amadora

nhor e entregam-se às garras de Satanás. Nada há de recreação nisto, apenas «um desviar a mente de» Deus. O Senhor não é honrado com estas práticas mundanas, e o Espírito Santo é grandemente entristecido.

«Toda a diversão em que vos puderdes empenhar pedindo sobre ela, com fé, a benção de Deus, não será perigosa. Mas todo o divertimento que vos torna inaptos para a oração particular, para a devoção no altar da oração, ou para tomar parte nas reuniões de oração, não é seguro, mas perigoso». — *Mensagens aos Jovens*, pág. 386. Em todas as coisas que digam respeito ao bem estar a Inspiração deve indicar o caminho. Nos tempos primitivos era simples a vida do povo que estava sob a orientação divina. Os jovens estavam constantemente em contacto com a natureza participando do trabalho dos pais. O ensino que recebiam deste modo era de molde a produzir homens fortes. Com a vida artificial da época presente a raça humana degenerou. Não podemos voltar aos hábitos simples daqueles tempos primitivos, muitas lições, porém, podemos

aprender que tornarão as nossas horas de recreio, momentos de verdadeira construção do corpo, espírito e alma.

Com respeito ao entretenimento os jovens e adultos podem fazer algumas perguntas que os ajudarão a saber se estão ou não ofendendo ao Senhor: «Fortalece o físico? Fortalece e faz descansar o cérebro? Ajuda a resistir à tentação? Aumenta o amor pela virtude, pureza, temperança e justiça? Inspira e aviva o entusiasmo? Ajuda a aumentar o respeito pelos homens e mulheres? Atrai Cristo e prepara para um melhor serviço cristão?

Se as actividades recreativas e sociais permitem responder conscientemente a estas perguntas e outras parecidas de maneira afirmativa, pode estar certo de que está seguindo o curso aprovado por seu Pai Celestial» *Princípios de Vida*, pág. 371.

Se entendemos que o céu é um lugar de harmonia, felicidade, paz e alegria, não convém entristecer o Espírito Santo de Deus, procurando, na época em que estamos, viver de acordo com Deus, rogando a Sua presença e orientação.

ARMANDO COTTIM

O Conceito de Pacto no Antigo Testamento

O povo de Israel não concebia a vida fora da comunidade.¹ Para o Cristão do século XX, embora a tendência da sociedade que o rodeia seja o *individualismo*, a necessidade de uma vida comunitária rica e plena faz-se sentir em tão grande medida como se fazia sentir nos tempos bíblicos. Daí o interesse de estudar o conceito de *pacto* — também se usam os termos *concerto* e *aliança* como sinónimos de *pacto* — no texto bíblico e, neste caso, mais propriamente no Antigo Testamento.

Quando estudamos o tema vemos três níveis: (1) Deus, (2) Israel, e (3) o próprio *pacto*.² Estes são os três pontos que estudaremos neste artigo.

I — O Pacto e Deus

O teólogo alemão Walther Eichrodt disse: «Deus dá a conhecer o Seu próprio ser actuando na vida do Seu povo e modelando-o conforme a Sua vontade.»³

Entrando num pacto com o homem, Deus torna-se homem. Este estado, que é marcado pelo intercâmbio de poderes pessoais, é o *pacto*.⁴

Neste *pacto* há um movimento de identificação. Deus desce ao nível do homem; identifica-Se com o homem! Podemos constatar essa descida de Deus em dois momentos da história da humanidade: (1) o «momento» da entrega da palavra escrita de Deus e (2) o momento histórico da encarnação de Jesus.

No que diz respeito ao *pacto*, esta descida de Deus ao nível do homem traz consigo duas consequências, sendo a primeira uma nítida diferenciação entre Deus e o homem, o que clarifica o facto de Deus ser eterno, incriado e onipotente,⁵ e a segunda a necessidade que Deus tem do homem para criar a Sua obra de redenção.⁶

II — O Pacto e Israel

Entrar num *pacto* com Deus teve importantes consequências para o povo de Israel. Vejamos algumas.

Em primeiro lugar, o *pacto* não é só uma exigência, mas também uma promessa. Diz Ellen White: «Todas as Suas ordens são promessas habilitadoras.»⁷ Desaparece, assim, o medo, generalizado no paganismo, da arbitrariedade e dos caprichos da divindade.⁸

O pacto entre Deus e Israel criou também uma união entre as tribos, a qual levou a uma forte

ARMANDO COTTIM

Pastor Estagiário da Igreja Central de Lisboa

consciência nacional. Desta forma foi combatida a tendência para o tribalismo e o divisionismo.⁹

Mas, com o *pacto*, Deus definiu quais eram as condições do mesmo, tornando conhecida ao homem a Sua vontade, e essa revelação teve consequências em toda a vida prática de Israel.

Trazendo consigo a lei,¹⁰ o *pacto* exige de Israel uma submissão plena, não externa ou por obrigação, mas amorosa e por entrega.¹¹

III — O Pacto em Si Mesmo

A primeira conclusão a que chegamos é que o *pacto* implica tanto noções religiosas (os sacrifícios e juramentos implicados) como seculares (a noção legal).¹² No entanto, a noção legal não transforma o pacto numa instituição legalista,¹³ o que é muito importante.

Por outro lado, o *pacto* é eterno.¹⁴ «O homem não pode fazer desaparecer o pacto; se o rompe, isto só significa que violou as suas cláusulas.»¹⁵

O pacto divino é, em si mesmo, o penhor de uma obra em comum.

Conclusão¹⁶

Deus, ao fazer um pacto com Israel — e com o Seu povo hoje — pretendeu criar uma comunhão entre Ele e o Seu povo, a qual permitiria a existência de um elo de união entre ele e o homem, semelhante ao que existe entre familiares; entre irmãos.¹⁷

Ao impor as condições do *pacto* — logo depois

da queda de Adão¹⁸ — Deus quis levar o homem, de novo, ao ponto em que estava quando caíra; ao apresentar as condições do *pacto*, Deus quis renovar o Seu relacionamento com o homem.

«Hoje, se ouvirdes a Sua voz, não endureçais os vossos corações.»¹⁹ Fazei com Deus um *pacto*, de acordo com as condições que Ele próprio apresenta. «*Convertei-vos, pois, e vivei.*»²⁰

1. Cf. Jean-Jacques von Allmen, *Vocabulário Bíblico*, (São Paulo, Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, 1972), p. 21

2. Cf. Edmond Jacob, *Théologie de l'Ancien Testament*, (Neuchâtel, Delachaux & Niestlé, S. A., 1955), p. 172 e André Neher, *La Esencia del Profetismo*, (Salamanca, Ediciones Sigueme, 1975), pp. 104-106

3. W. Eichrodt, *Teología del Antiguo Testamento*, (Madrid, Ediciones Cristiandad, 1975) vol. 1, p. 35

4. Cf. Gottfried Quell, in G. Kittel (ed.), *Theological Dictionary of the New Testament*, (Grand Rapids, Michigan, W. B. Eerdmans Publishing Co., 5.ª ed., 1973), vol. 2, p. 112

5. W. Eichrodt, *op. cit.*, vol. 1, p. 40

6. A. Neher, *Op. cit.*, p. 104

7. Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, (São Paulo, Casa Publicadora Brasileira, 3.ª ed., 1976), p. 333

8. W. Eichrodt, *op. cit.*, vol. 1, p. 35

9. *Ibidem*

10. A. Neher, *op. cit.*, p. 105

11. Johannes Schidenberger, «La Religion del Antiguo Testamento» in Franz König, (ed.), *Cristo y las Religiones de la Tierra*, (Madrid, Editorial Católica, S.A., 2.a ed., 1970), vol. 3, p. 423

12. G. Quell, *op. cit.*, pp. 109-110

13. W. Eichrodt, *op. cit.*, p. 51

14. Exodo 31:16; Números 18:19; Juizes 2:2; Isaias 55:3

15. W. Eichrodt, *op. cit.*, p. 50

16. A forma de artigo restringiu o desenvolvimento do tema. Para mais detalhes cf. Armando Cottim, *Notes on the Concept of Covenant*, (Monografia não publicada, 1979)

17. Erhard Gerstenberger, «Covenant and Commandment» in *Journal of Biblical Literature*, (vol. 84, part. 1, Março 1965), p. 40

18. Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, (São Paulo, Casa Publicadora Brasileira, 4.ª ed., 1976), pp. 384, 385

19. Hebreus 4:7b

20. Ezequiel 18:32b

HORÁCIO CAPRICHOSO

A Educação Afetiva

«O seu filho poderia fazer muito mais, se o quisesse. Capacidade não lhe falta, mas, não se tem empenhado o suficiente.»

Se bem que seja um pouco estereotipada, esta resposta dada, hoje em dia, aos pais pelos responsáveis escolares, não pode deixar de ser reconhecida como exacta, em grande parte. Quantos talentos ficam por desenvolver, inúteis portanto, porque não se quer!

Se buscarmos a origem deste facto, tão frequente no que concerne à formação intelectual, logo depararemos com a falta de interesse. Tal atitude assumirá maior acuidade quando se trata da formação moral e religiosa, ou se preferirmos, a do carácter.

HORÁCIO CAPRICHOSO

Director do Externato Infanta D. Joana — Lisboa

Esse aspecto da educação humana é, hoje em dia, muito descuidado. Num mundo materialista como é o nosso, cada vez é maior o número de homens que põem de lado os valores espirituais, como algo dispensável, de somenos importância. Uma educação integral é, assim, difícil, para não dizer impossível de ser obtida nas instituições do mundo. A influência destas sobre a juventude muito se tem apoucado, como o podemos constatar no panorama escolar actual. Os perigos que cercam os jovens são por demais conhecidos, e, seria fastidioso estar a citá-los. A vida familiar degrada-se. Os jovens estão abandonados às ciladas insidiosas de Satanás.

Diante de tais perspectivas, bem sombrias, convenhamos, a nossa Igreja, através da sua obra educativa, tem procurado levar o homem a atingir o ideal perdido um dia pelos nossos primeiros pais, a regenerar-se, a ser aprovado diante de Deus. Como escrevia o antigo director do Colégio Adventista de

Florença, Franco Santini, recentemente falecido, «O homem apenas se realiza plenamente, através de um total e coerente empenho pessoal, numa relação plena com toda a Realidade.»

Queria o nosso irmão dizer que apenas uma educação integral poderá permitir ao homem ser um vencedor. O grande segredo de uma educação integral é, sem dúvida, o desenvolvimento harmónico da afectividade, isto é, do carácter. Nesse sentido, o coração humano desempenha papel fundamental no processo educativo e de regeneração do homem. O rei Salomão, com a sabedoria que recebeu de Deus, afirmava: «Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem todas as saídas da vida» (Prov. 4:23), e Jesus, completando a parábola do Semeador, asseverava que a palavra conservada num coração honesto e bom, dá fruto com perseverança (Lucas 8:15).

Mas, se a educação afectiva é a mais importante, ela é também a mais difícil. É bastante mais simples transmitir ideias do que fazer aceitar valores. Daí talvez o escasso interesse das escolas mundanas pela educação afectiva.

Examinemos, então, como se deve realizar o desenvolvimento do homem no processo de regeneração da sua natureza. Citamos para tal o exemplo de Noé, como nos surge na interpretação da epístola de Paulo aos Hebreus 11:7. «Pela fé Noé, divinamente avisado das coisas que ainda se não viam, temeu, e, para salvação da sua família, preparou a arca...»

Três fases se verificaram na experiência de

Noé: o conhecimento intelectual, o acolhimento afectivo e a conformação da conduta. A primeira é a tomada de consciência da realidade através dos sentidos e do intelecto. Este passo é indispensável para as fases seguintes, que pressupõem um objecto sobre o qual sentir e empenhar-se. Conhecer é condição necessária para experimentarmos afecto, mas não é o suficiente, pois pode dar-se o caso de nos fecharmos nesse primeiro estágio sem passarmos ao segundo. Não se registando desenvolvimento, inicia-se um processo de degeneração que afastará cada vez mais o homem daquele que devia ser o seu objectivo. Não foi essa a experiência de Noé, pois não se limitou a tomar consciência do que Deus lhe queria transmitir, mas, como dizia o versículo, aquele patriarca temeu, o mesmo é dizer, acolheu afectivamente o plano de Deus, e mais ainda, conformou a sua conduta, como se pode ver pela sua atitude de preparar a arca.

De igual modo, esses devem ser os passos a dar por cada um de nós durante a carreira que temos de viver aqui na terra. Os nossos filhos devem ser consciencializados da grande importância do empenhamento total (com o seu afecto e a sua vontade) naquilo que é útil, que é edificante.

Ao chegar o dia do juízo, o homem aprovado aos olhos de Deus será aquele que se empenhou em desenvolver integralmente os talentos que lhe foram confiados. Possamos e saibamos nós, pais e educadores adventistas, cónscios das responsabilidades que nos incumbem, ajudar os nossos jovens nesse sentido.

DOS EDITORES DA ADVENTIST REVIEW

Compreendendo a Inspiração

Escrevendo a Timóteo, Paulo argumenta, «Quando vieres traze a capa que deixei em Troas em casa de Carpo, e os livros, principalmente os pergaminhos». (II Tim. 4:13). A preocupação de Paulo pela obtenção dos seus livros e a sua capa dá-nos uma ideia da sua solidão na prisão, e o facto de que o inverno estava chegando. Esta última observação surge da sua recomendação no versículo 21, 'procurava vir antes do inverno...'

Estas instruções ao fiel Timóteo estão preservadas para nós naquilo que se considera ser a última carta de Paulo antes da sua execução em Roma. A instrução inspirada contida nesta carta foi entesourada pela Igreja, e foi destinada pelo Espírito Santo a ser uma bênção aos seguidores de Cristo através dos séculos.

Contudo os estudantes da Bíblia reconhecem que os últimos 14 versículos desta Epístola contêm grandes mensagens pessoais e saudações que fornecem conhecimentos profundos, não obstante serem

basicamente afirmações e desejos comuns e não comentário inspirado.

Como conciliamos nós tais informações e afirmações de necessidade e interesse pessoais com a posição que Paulo toma no cap. 3:16 que «Toda a Escritura é dada por inspiração de Deus...»? Obviamente que não há contradição se reconhecermos que nem toda a palavra escrita pelos profetas é ditada pelo Espírito Santo. Os Adventistas do Sétimo Dia, como igreja, nunca tomaram a posição de que as palavras da Bíblia são inspiradas. Essa posição é sustentada por algumas igrejas, mas a nossa posição tem sido a de uma inspiração cuidada — que Deus é o autor da Bíblia inteira, e que as verdades contidas na Bíblia são inspiradas mas que 'Elas são expressas em palavras de homens'. (*O Grande Conflito*, pág. 11). Deus guiou a mente dos profetas 'na selecção do que escrever' mas 'o Seu testemunho é transmitido mediante expressão imperfeita da linguagem humana'. (*Idem*, pág. 12 e 13). Esta afirmação sobre

metodologia de inspiração não pretende, de maneira nenhuma, diminuir a nossa posição na total inspiração das Escrituras. Elas são 'respiradas por Deus' — mensagens de Deus.

Tal posição é inteiramente compatível com o dom profético manifestado por Ellen White. Por exemplo, quando ela escreve, «Esta manhã, ou, melhor ao meio-dia, levantei-me para fechar os estores que estavam a ser batidos pelo vento; e encontrei o manuscrito que devia ler antes de partir para São Francisco, no comboio das 6 horas» (*Meditações Matinais*, 1980, pág. 363). Ela não está a comunicar sob inspiração do Espírito Santo, a sugestão de que se estamos planeando partir para São Francisco pela manhã devemos fazer como ela fez. Ela está a dar-nos meramente a preparação para o testemunho que se seguiu.

Que nada se perca

Ela ficou de pé naquela noite e leu algum material referido. Quando fazia isto, foi impressionada a escrever aos Irmãos Druillard, que trabalhavam em África e estavam sendo convidados a se juntarem a ela em Elmshaven. Nem tudo o que ela escreveu naquela carta era referente à igreja em geral, mas ela diz-nos, através da carta aos Druillard que, «Já não conto com muitos anos de vida, e tenho um grande desejo de executar um trabalho em preparar os meus escritos a fim de que, se eu desaparecer de repente, eles estejam de forma adequada a que outros os usem e assim levem as instruções, muitas vezes re-

petidas a mim: 'Junta os fragmentos; que nada se perca».

Este último bocado de informação, no que possa parecer uma carta inteiramente pessoal, contém uma afirmação significativa e inspirada acerca do uso pela Igreja dos materiais de Ellen White, e o facto de que tem sido preservado e publicado nesta forma demonstra que a Igreja tem sido cuidadosa em seguir a instrução dada: 'Junta os fragmentos'.

Julgando por algumas cartas que temos recebido ultimamente, tem havido opiniões erradas acerca da inspiração, que têm sido partilhadas por alguns Adventistas do Sétimo Dia, apesar da posição histórica da Igreja e dos claros ensinamentos de Ellen White sobre este assunto.

Aparentemente, tem havido uma grande aceitação duma posição semelhante à inspiração verbal — uma sensação de que as palavras são inspiradas, não apenas os pensamentos.

Como Igreja nunca reivindicámos a inspiração verbal da Bíblia ou do moderno dom de profecia. A atenção dada ao uso de outras fontes por Ellen White, em muitos dos seus escritos não incomoda aqueles que nunca acreditaram numa estreita inspiração verbal, mas, aparentemente, tem incomodado aqueles que, talvez inconscientemente, se têm agarrado à inspiração da palavra.

Provavelmente é uma boa coisa este desafio chegar a esta altura. Pelo menos terá consequências benéficas se clarificarmos o nosso pensamento na natureza da inspiração, e chegarmos a compreender mais completamente a distinção entre inspiração verbal (palavra) e inspiração total ou de pensamento. L. R. V.

OFENSIVA DE ORAÇÃO

Proposta para Orações durante o 4.º Trimestre

DIVISÃO

1. Trabalho de Rádio nos Territórios da Divisão Euro-Africana
2. Pelos Cursos Bíblicos por Correspondência e seus alunos
3. Pelo estabelecimento duma estação de Rádio em Milão para a Europa e parte da África.

UNIÃO

1. MIL DIAS DE COLHEITA
2. Nova Escola de Lisboa
3. Centro Médico Adventista

AS «ILHAS» EM NOTÍCIA

As 'Ilhas' tornaram-se um marco na História de Portugal como primícias da Epopeia dos Descobrimentos. Hoje os Arquipélagos da Madeira e dos Açores, únicos territórios portugueses de além mar ligados à nossa União, continuam a merecer um lugar de muito relevo nos planos da nossa Organização.

Os Açores, descobertos para Portugal em 1427 e povoados a partir de 1439, receberam as primeiras sementes da mensagem do Advento provavelmente no ano de 1892. Contudo, o trabalho organizado só teve início em 1931 com a actividade da colportagem e, três anos mais tarde, com a chegada dos primeiros missionários. Outros se seguiram, alguns ainda activos em Igrejas do nosso campo.

A seara cresceu, estendeu-se a várias ilhas do arquipélago e algumas boas Igrejas foram assim formadas.

Após esse período áureo e o consolidar dos lugares abertos, deu-se um relaxamento da nossa actividade, talvez a partir da década de 70, e o trabalho decaiu muito. Hoje algumas pequenas luzes testemunham do que foi feito e são plataforma de arranque para o que poderá vir a ser aí realizado.

Numa recente viagem visitaram-se 7 das 9 Ilhas dos Açores. Em S. Miguel a igreja de Ponta Delgada reúne-se num edifício magnífico, fruto da doação da família Damazo, da participação da União Portuguesa e da colaboração do Grupo

de Construções Maranatha. Esta Igreja está muito reduzida em números, mas é ainda assim, e com as boas almas que restam, centro de irradiação para outros lugares da Ilha como a Lomba de S. Pedro, Ribeira Grande, etc. e também para a Ilha de St.ª Maria onde vive ainda uma Irmã na Fé e onde uma família de 4 ou 5 membros estuda e se prepara para o baptismo.

Na Ilha Terceira temos a Igreja de Angra do Heroísmo que beneficiou em tempos recentes dum rejuvenescer e que, com a boa colaboração do Grupo de Lajes, recheado de juventude e cheio de dinamismo, vai alargando a sua zona de influência. Ponto alto desta visita foi a participação na cerimónia de organização dos Clubes de Tições e Desbravadores em boa hora activados pelo Pastor Rogério Fernandes e apoiados entusiasticamente por toda a juventude.

Na cidade de Angra, severamente atingida pelo sismo de Janeiro de 1980, está pronta a habitar a reedificada residência do Pastor e em fase adiantada, o edifício da nova Igreja.

Fazem parte da zona desta Igreja as Ilhas Graciosa, onde vive temporariamente a família Pereira, antigamente ligada à Igreja de Almada, e a das Flores. Deste lugar muitos membros saíram já para enriquecer outras Igrejas, nomeadamente no Canadá e Estados Unidos.

Foi aqui na Ilha das Flores que tivemos uma das mais marcantes experiências desta viagem: procurando antigos membros ou contactos da Igreja, encontramos uma Irmã que há mais de vinte

anos não era visitada por qualquer responsável da Igreja Adventista. Na altura desta visita, confidenciou-nos o seu titular quanto a certos pontos da Fé devido à pressão de outros grupos religiosos que assiduamente visitam aquelas paragens. Oramos a Deus para que aquele encontro marque providencialmente o reafirmar da sua fé na mensagem do advento e que sirva de alerta para o muito que há a realizar naquelas terras.

Na Ilha do Pico passámos um Sábado com os nossos Irmãos reunidos na nova Igreja dos Fetais da Piedade. Nesta mesma Ilha, em S. Roque do Pico, está a construir-se um novo edifício para a Igreja e residência do Pastor.

A nossa União não tem poupado os meios económicos para garantir aos Irmãos dos Açores as melhores condições de reunião e de trabalho. Esperam esses Irmãos, e desejamos nós também, que em breve haja um redobrar de meios humanos para o esforço de propagação da Mensagem naquelas belas Ilhas.

João Belo dos Santos

MARCHA DE TEMPERANÇA DA IGREJA DO FUNCHAL

Foi numa tarde de Domingo do mês de Julho. Um punhado de tições, desbravadores e jovens unidos por uma vontade enorme de alertar, com o seu gesto, os perigos em que vive a nossa sociedade, deram lugar a uma marcha de temperança.

Grandes foram os esforços de muitos para levarem avante este acontecimento, que há muito estava no nosso propósito e foi conseguido. Poderíamos até dizer, valeu a pena as noites seguidas em que horas seguidas trabalhámos juntos para que esta marcha fosse uma realidade. Na pintura de gravuras, no recorte e desenho de letras até ao decorar dos carros tudo foi uma maratona.

Agora passados que são alguns dias, é caso para meditarmos e tirarmos todas as elações que esta nos possa ter oferecido, para num futuro próximo levarmos em conta algo que nos passou despercebido.

Os órgãos da comunicação social madeirense fizeram eco desta nossa iniciativa. Alguns prometeram-nos fazer a cobertura da marcha mas não o fizeram, mas os que vieram foram bem-vindos. A marcha teve o seu início propriamente dito na quarta-feira anterior com uma conferência de empresa dada nos escritórios da nossa Igreja e onde o pastor Joaquim Casaquinha através das suas palavras pôde alertar as pessoas para o que era nossa intenção, prevenindo-as de todos os



perigos provenientes da droga, álcool e costumes que perigam a nossa sociedade.

No Domingo foi o concretizar dos nossos desejos. As 16 horas estavam na nossa igreja um comando da P.S.P. pronto a dar-nos apoio no trajecto pelas ruas do Funchal. Com dois guardas da dita polícia na frente, outros pelo meio e alguns na retaguarda caminhámos pela rua da nossa cidade levando a nossa voz através dum carro de som que para o efeito foi preparado, informando as pessoas para os perigos já mencionados. Outros carros de nossos irmãos que com a sua vontade nos emprestaram, estavam ornamentados e com dizeres alusivos à marcha, alguns simbolizando hospitais de drogados, alcoólicos e recuperados. Julgo que tudo isto foi bem concebido e melhor não se conseguiria. Ao mesmo tempo que desfilávamos o carro de som anunciava que no largo da rotunda estava tendo lugar a medição de tensão arterial, controlo de peso e sugestões para as



personas interessadas. Grande foi o número de pessoas que para lá se dirigiram e puderam ser observadas por um vasto grupo de irmãos que para o efeito estavam credenciados. Venderam-se muitos exemplares dos livros «Juventude ameaçada» e «Escravos do Século XX». Pensamos que aqui terá sido o maior atrativo da nossa marcha, visto terem sido muitas as pessoas por nós contactadas e haver muito interesse neste género de trabalho.

Estou certo que o Senhor esteve connosco e nos ajudou imenso nestes nossos trabalhos e nos deu ânimo para no futuro levarmos mais vezes junto à população aquilo que os adventistas têm para lhes oferecer, exortando a deixar os vícios. Os frutos poderão ser colhidos numa próxima oportunidade.

Vosso Irmão em Cristo
Zeca Teixeira

O 1.º NACIONAL EXTERIOR

A Quinta de Alviela, a escassos quilómetros ao sul de Alcanena, foi palco, durante dez dias, de um Acampamento que ficará na memória de todos quantos nele participaram.

Não nos foi difícil descobrir o local, perto de um regato, entre árvores frondosas. Nem tão pouco nos custou o facto de sermos só 27, representando seis clubes (Almada, Figueira da Foz, Lisboa, Peniche, Porto e Santarém). O que nos perturbou um pouco foi sabermos que, mais uma vez, uma iniciativa entusiasta e diferente, não tinha o apoio que merecia. O que serviu para fazer desabrochar em nós a vontade de fazer qualquer coisa importante. Tornar esses dias inesquecíveis. Inolvidáveis. As actividades foram surgindo:

1. Cerimónia de abertura, com slides e uma investidura dum juvenzinho de Santarém — o Beto —. Simples e significativa.
2. Arranjo do Acampamento, com o pioneirismo que torna mais confortável a estadia no campo — mesas, cadeiras, fossas de lixo, etc.
3. A teoria e prática de Sinalização, Orientação e Códigos, que iriam ser posteriormente usadas.
4. Uma Pista Nocturna, balizada a gaze, que para muitos foi novidade e entusiasmou toda a gente.
5. Uma Pista Gigante, que durou todo o dia, e ao longo do qual todos os problemas que surgiram foram resolvidos, com a ajuda d'Ele.
6. As cerimónias de sábado, com a Escola Sabatina a cargo dos dirigentes e o Culto pelo Pastor Ilídio.
7. A busca da Natureza e a Mímica Bíblica em que a Figueira da Foz se destacou com a mímica da crucificação.
8. Um rallye no local e outro no exterior, que nos levou a Alcanena e às nascentes do Rio Alviela.
9. O desporto — presente nos mo-



mentos livres — teve um tempo apropriado, com o voley, o basebol e uma competição sadia e amigável.

10. Diariamente, o içar e arrear da Bandeira, as meditações, o convívio espiritual, que nos elucidou e enriqueceu.

11. E as inevitáveis reuniões sociais.

Para se dizer bastante, acerca do clima que reinava lá, ter-se-á forçosamente de falar no P.U.M.A. e no P.R.A. Eram as siglas dos dois «partidos» do Acampamento: Partido da União da Mafía do Alviela e o Partido Revolucionário do Acampamentório — O 1.º constituído pelos dirigentes (5) e o 2.º pelos desbravadores (uma notável maioria numérica). O jornal, a crítica sã e irónica, a rivalidade amigável, muito contribuíram para que as amizades se estreitassem, tornando mais amigos, os que já o eram e fazendo-os onde eles não existiam antes. Claro que, inevitavelmente, ao fim dos 10 dias de «campanha», os dois se aliaram, simbolizando afinal que as coisas correm MESMO BEM, sempre que houver união entre todos, pelo mesmo ideal.

12. Os fragmentos de episódios característicos deste Acampamento: o velho barco em que andámos no rio (La Pirogue), o «almoço de saco» do dia da Pista e de Sábado; o francês aporтуguesado dos homens de la culture de Almade e dos hommes de las cavernes de Lisboa», e o trabalho infatigável de pioneirismo dos «abelhões» do Porto, o nosso duche improvisado, de água gostosamente gelada, etc.



Púlpito feito para as cerimónias de Sábado.

13. Inesquecível a entrega de todos os que se ocuparam das infra-estruturas do Acampamento: na cozinha (a Graça Vieira e a Lurdes) e na direcção, o promotor, afinal, de tudo isto, o Manuel Vieira.

14. E, no dia da despedida, o rio Alviela encheu ... com a maré que tombou de quase todos os olhos — quase todos, porque 3 ou 4, de olhos secos, também sentiam tristeza e pesar «Acabou»!

Haveria muito mais de que falar. A Grande experiência que foi o 1.º Nacional Exterior não se conta em poucas palavras.

Resta esperar que a iniciativa não morra. Que, senão melhor, pelo menos que o Nacional Exterior de 83, seja tão bom, quanto este.

Se formos 30 de novo, valerá de novo a pena.

O que importa afinal é o que aprendemos em conjunto. Isso é o importante.

Isso ... e o encontrar-vos no 2.º Nacional Exterior. A Todos vós, desbravadores deste País.

Até lá, permaneçamos firmes pelo Nosso Ideal

Cila Nunes

A Mensagem Adventista no Mundo

COMUNIDADE ADVENTISTA DE EXPRESSÃO PORTUGUESA EM GENEBRA, SUÍÇA

«Os alunos de expressão portuguesa do Seminário Adventista do Salève, em França, tiveram o grato privilégio de participar na formação de um grupo de expressão portuguesa em território Suíço, mais precisamente na cidade de Genebra. Este grupo foi oficializado no final do ano passado e a cerimónia de inauguração teve a presença do Presidente da Federação para a Suíça Romande, Pastor G. Steveny e do Pastor S. Schwantes, na qualidade de supervisor pela parte do Seminário. Assim, o grupo estará ligado directamente às igrejas da Federação Suíça, mas contará com o apoio e a ajuda do Seminário.

Fazem parte do grupo a grande maioria de estudantes do Seminário, bem como os irmãos e irmãs imigrantes residentes na região. Aos Sábados, o número de presentes tem variado entre 30 a 40 pessoas e estão inscritos, entre as classes da Escola Sabatina de adultos e de crianças, 31 pessoas.

Os motivos que levaram à formação deste grupo foram:

1. Desejo de dar a conhecer a nossa fé à comunidade imigrante de expressão portuguesa.

2. Utilizar os dons e os conhecimentos adquiridos pelos estudantes, sobretudo a nível da teologia.

3. Ultrapassar a barreira da língua que muitas vezes tem sido motivo de incompreensão e de problemas espirituais.

Assim, hoje, este grupo conta com três reuniões semanais, ou seja durante a manhã de Sábado, as cerimónias da Escola Sabatina e do culto; à tarde uma reunião bíblica dedicada ao maior conhecimento prático da nossa fé; e, finalmente, à Sexta-feira, após o pôr-do-sol, a reunião de oração.

Cabe aqui dizer que as bênçãos têm sido muitas e os planos e projectos se estendem. Durante as férias da Páscoa, o grupo teve oportunidade de participar num plano de evangelização e na emissão do programa de rádio em língua portuguesa.

Vivemos momentos de entusiasmo, graças a Deus. Confiamos n'Ele e nas vossas orações. Em breve, vos contare-

mos mais, dos milagres de Deus nestas terras. Até lá,

Maranata»

Rogério Paulo Nóbrega

NOTÍCIAS DE ISRAEL

Nova Sala em Nazaré

O dia 21 de Fevereiro foi especial para a Obra Adventista em Israel. Algo de bom estava para acontecer em Nazaré (cf. João 1:46). Pelas dez horas da manhã, crentes de todo o país reuniram-se no novo centro, para participar na primeira reunião adventista naquela cidade.

Localidade de população árabe, com cerca de trinta e cinco mil habitantes, na sua maioria do estrato cristão, é no entanto dirigida por uma municipalidade de tendência comunista. Considerada parte integrante do Estado de Israel, desde 1948, goza de liberdade religiosa.

O novo centro, adquirido pela Igreja Adventista em 1980, fica localizado no segundo piso do prédio «Barklays», na



Abertura. Teófilo Ferreira, P. Kunze, Mrs./M. P. Brussee, D. W. Holbrook.

Avenida Paulo VI, artéria principal da cidade.

A sala apresentava-se ornamentada com gosto, tendo alguns vizinhos contribuído para o ambiente festivo que reinava. Com efeito um lindo arranjo de flores foi acrescentado às já existentes. Pouco depois era entregue uma bela jarra em metal, oferta de amigos «do outro lado da rua». E no final da reunião, uma bebida quente foi preparada para todos os presentes, amabilidade hospitaleira dos proprietários do andar inferior.

A lição da Escola Sabatina foi estudada em duas classes, numa das quais se podia ouvir alemão, inglês, francês e árabe. Na outra classe, igualmente animada, o hebraico misturava-se com as línguas húngara, romena, búlgara e espanhola.

A cerimónia de inauguração foi presidida pelo ir. Peter R. Kunze, Tesoureiro-Adjunto da Divisão Euro-Africana, e Tesoureiro da Missão de Israel. A mensagem foi traduzida em oito línguas, simultaneamente.

Estavam igualmente presentes o Dr. D. W. Holbrook, da Conferência Geral, em visita casual. Os irs. Holbrook e Kunze vinham acompanhados pelas suas respectivas esposas.

O almoço foi tomado em conjunto, tendo as nossas irmãs esmerado os seus dotes culinários. E enquanto chovia abun-

dantemente no exterior, o Dr. Holbrook apresentou a Palavra de Deus, de modo a proporcionar o derramamento do Espírito Santo. A mensagem ficou clara em cada coração: «Jesus volta em breve. Que estou eu fazendo?»

Regressámos aos nossos lares com uma oração: que o Senhor possa fazer frutificar o Seu trabalho em Nazaré. Querem os prezados leitores da Revista Adventista fazer o mesmo?

Novo Obreiro em Nazaré

A Divisão Euro-Africana não se poupou a esforços para encontrar o Obreiro indicado para a cidade de Nazaré. E Deus certamente ouviu as orações do Seu povo. O Dr. Peter Brussee, acompanhado da sua esposa e filha, acedeu ao chamado e veio residir na cidade de Jesus, tornando-se assim o pioneiro Adventista a dedicar-se totalmente àquela cidade.

De origem austríaca, o Dr. Brussee graduou-se em teologia, no Seminário Adventista de França, e doutorou-se em Saúde Pública pela universidade de Loma Linda, Estados Unidos.

Graças a dádivas especiais de crentes do centro da Europa, o novo centro Adventista de Saúde e Educação está já apetrechado com apreciável material de apoio.

Viremos brevemente, de novo, à presença dos prezados leitores, com mais



Consagração de Saliba ao ministério.

notícias sobre as actividades concretas levadas a efeito em Nazaré.

Consagração em Israel

No passado dia 28 de Fevereiro, teve lugar em Jerusalém a cerimónia de consagração ao ministério do Pastor Francis Saliba. Presente encontrava-se o Pastor H. Knott, Director dos Departamentos de Actividades Leigas, Escola Sabatina e Assistência Social para a Divisão Euro-Africana.

Perante uma assistência de sessenta



Grupo de crentes.

personas, dentre as quais se destacavam algumas visitas árabes, o Pastor Knott apresentou de maneira inspirada a Palavra de Deus, quer no culto da manhã, quer na cerimónia de consagração, à tarde.

O Pastor Saliba nasceu em Jerusalém, e fez os seus estudos em teologia no Colégio Adventista do Médio-Oriente, no Líbano. É o primeiro obreiro Adventista a ser consagrado ao ministério em Israel.

Novo Presidente da Missão de Israel

O Pastor Hermano Garbi, acompanhado da sua esposa e filho, estará à frente da Obra neste país, a partir de Julho. O Pastor Garbi tem trabalhado até ao presente em França.

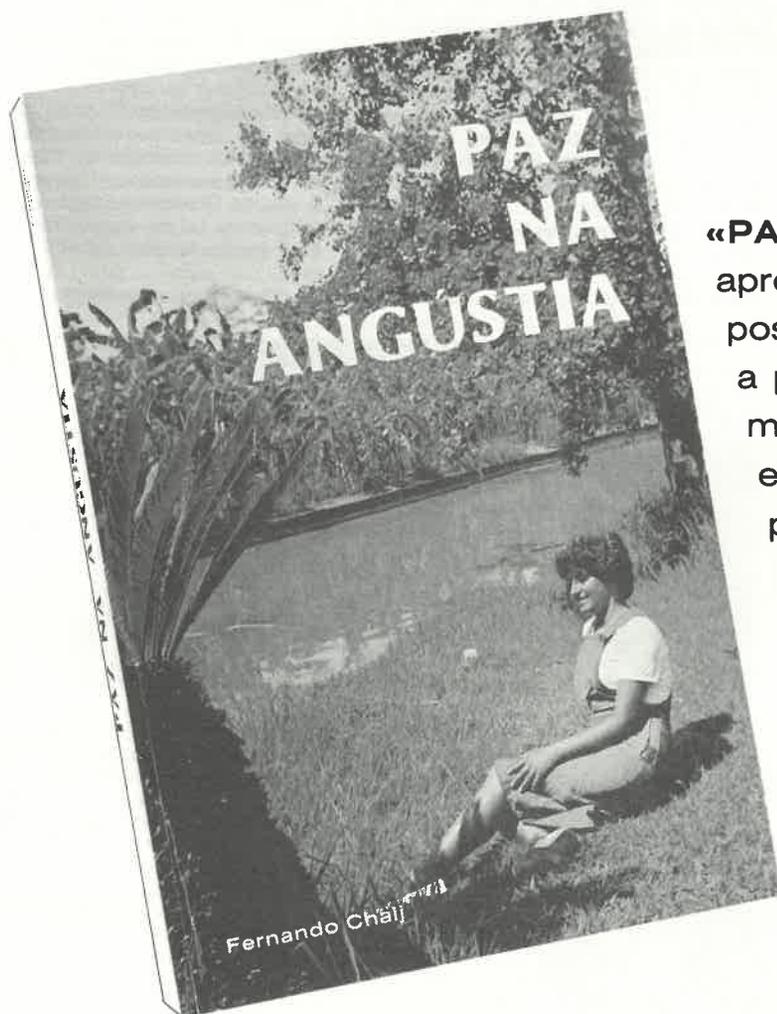
Teófilo Ferreira



Culto Solene
E. Schulz
D. W. Holbrook
P. Kunze
Teófilo Ferreira
F. Saliba
P. Brussee

PAZ NA ANGÚSTIA

Porque enlouquecem as pessoas?
Como vencer complexos
Como superar o sentimento de culpa?
Perante o fracasso, será possível
a recuperação?



«PAZ NA ANGÚSTIA»
apresenta a única forma
possível de encontrar
a paz da alma e uma
mensagem de alento
e esperança, de
positiva realização.

Peça-o já ao secretário da Sociedade Missionária da sua Igreja ou à:

PUBLICADORA ATLÂNTICO, S.A.R.L.

Rua Salvador Allende, lote 18

2686 SACAVÉM CODEX